



RÚSSIA

Até domingo, eleitores votarão para renovar as 450 cadeiras da Duma. Com opositores fora do páreo, o partido governista concorre apenas com aliados que dão aval à guerra iniciada há quatro anos e meio na Ucrânia

Putin enfrenta teste (controlado) nas urnas

AFP



» Censura na Casa Branca

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, proibiu ontem o acesso à Casa Branca das emissoras de televisão CNN e MSNOW, assim como do site informativo *Politico*, aos quais acusou de difundir "notícias falsas". Trump antecipou que serão atingidos "outros veículos da mídia de notícias falsas" — como costuma se referir aos que lhe são adversos —, sem mencionar quais. "Estou orgulhoso de anunciar que, com efeito imediato, proibí o Falso Canal de Notícias CNN, o MSNOW e o *Politico* de acessar a Casa Branca como resultado de seus constantes 'relatos' de notícias falsas", postou o presidente em sua plataforma, a Truth Social. Trump não disse o que motivou o veto, mas acrescentou que "veículos de mídia não deveriam poder escrever ou reportar constantemente ficção e mentiras quando estão cobrindo o presidente dos EUA ou o governo Trump". É extremamente incomum que presidentes americanos proibam o acesso da imprensa à Casa Branca, embora Trump tenha barrado um repórter da CNN em seu primeiro mandato, e Richard Nixon tenha imposto restrições ao jornal *Washington Post* por suas reportagens sobre o escândalo Watergate, que levou à sua renúncia, em 1974. No segundo mandato, porém, Trump adotou medidas mais estritas, inclusive filtrando quais jornalistas podem cobrir eventos como parte de um pool com acesso a espaços restritos, como o Salão Oval e o avião presidencial Air Force One.

A Rússia entra pelo fim de semana na expectativa pelo que dirão as urnas ao fim da primeira eleição parlamentar desde que o presidente Vladimir Putin ordenou a invasão da vizinha Ucrânia, em fevereiro de 2022. A votação teve início, no extremo oriente do território, enquanto 350 drones ucranianos avançavam sobre a capital, Moscou — a maioria, interceptada e destruída, segundo o governo local. Com a participação restrita aos partidos que não questionam a guerra, a disputa pelas 450 cadeiras da Duma (Câmara dos Deputados) termina na noite de domingo. Salvo surpresas, os resultados devem confirmar maioria esmagadora para a Rússia Unida, partido do presidente Vladimir Putin, e seus aliados. A eleição será conduzida também nos territórios ucranianos recém-anexados.

As eleições servirão para o Kremlin medir o nível de apoio popular a uma guerra cujas consequências foram sentidas com mais força do que nunca neste ano. Putin governa o país desde o Ano Novo de 2000, e seu partido domina a política do país desde então, sem enfrentar resistência efetiva. Uma das principais forças da minoria parlamentar, o Partido Comunista, vem se aliando sistematicamente ao Rússia Unida, mais ainda desde o início da guerra.

Em uma seção eleitoral no centro de Moscou, Sergei Korenets, ferroviário de 41 anos, disse à agência de notícias France-Presse (AFP) que votaria no partido governista em nome da "estabilidade", um dos principais lemas centrais do presidente. Questionado se quatro anos e meio de guerra podem ser considerados um símbolo de estabilidade, respondeu: "É claro que quero que tudo isso termine o mais rápido possível".

Censura "soviética"

Poucos na Rússia duvidam da vitória de Putin, que votou ontem, eletronicamente. O Rússia Unida concorre apenas com legendas que, como os comunistas, apoiam a guerra, como os nacionalistas do LDPR, a Rússia Justa e o liberal Gente Nova. O Yabloko, que pediu o fim dos combates, foi excluído da disputa pouco antes da votação. Um de seus principais dirigentes, Lev Shlosberg, foi preso por criticar a guerra.

Tatiana Stanovaya, analista política russa radicada na França, afirmou que o presidente gosta de fazer analogias com o quadro político em países europeus. "Ele pode dizer: 'Vejam, tivemos eleições. Tenho um apoio considerável dos russos. Estamos

Estudantes entoam o hino nacional na abertura das urnas, em Moscou: sem oposição real, presidente manterá maioria segura



todos unidos.' Então, para ele, isso é algo muito importante no plano pessoal, emocional e político", disse à AFP. Em um breve discurso exibido na

televisão, na noite de quarta-feira, Putin conclamou os cidadãos a votarem para mostrar às tropas que "por trás de nossos combatentes há milhões de pessoas", e para dar uma "resposta conjunta àqueles que querem enfraquecer a Rússia". A guerra rompeu os laços de Moscou com o Ocidente, que pune a Rússia com duras sanções econômicas.

Frustração

Na ausência de um real debate

público, e com a dissidência e as críticas proibidas, a votação servirá ao Kremlin como um termômetro da frustração popular com o conflito, que não tem solução à vista. Neste ano, a guerra afetou os russos mais do que nunca, com ataques ucranianos que chegaram a cidades nos Urais e na Sibéria, a milhares de quilômetros de distância da frente de combate.

Os adversários políticos de Putin foram, na maioria, empurrados ao exílio. A oposição no exílio conclamou os

opositores do Kremlin a não boicotarem as eleições e votarem "contra Putin", e publicou recomendações sobre quem apoiar em cada região. Um grupo de eurodeputados e russos exilados, ligados ao Conselho da Europa, classificou as eleições como "farsa" e afirmou que resultarão em uma Duma sem legitimidade democrática. "As autoridades continuam intensificando a repressão sistemática e institucionalizada para excluir qualquer força de oposição", declarou Christian Wigand, porta-voz da UE.

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
SILVIOQUEIROZ.BSB@GMAIL.COM

O MUNDO MULTIPOLAR DESFILA EM NOVA YORK

A Assembleia-Geral da Nações Unidas tem sua abertura na semana que entra com a expectativa de um desfile dos múltiplos desafios presentes à paz mundial. Contorná-los foi, justamente, o propósito da fundação da ONU, em 1945, sobre as ruínas deixadas na Europa e na Ásia pela 2ª Guerra Mundial (1939-1945). A reunião anual, que leva a Nova York chefes de Estado e de governo do mundo inteiro, deveria servir como fórum de reflexão sobre os desafios à paz mundial. Na prática, tem sido marcada pelas disputas encalacradas entre as grandes potências, cada qual pronta a apresentar a própria agenda em um cenário global marcado pela lógica do "cada um por si".

Como de costume, cabe ao Brasil o discurso de abertura. E Lula o fará mirando, no fundamental, a defesa da soberania. A pouco mais de duas semanas da eleição em que tentará o quarto mandato — a

segunda "dobrada" permitida pela Constituição —, o petista deve enfatizar a resistência ao que aponta como tentativa dos EUA de interferir na disputa. Donald Trump vem se gabando de ter eleito aliados em seguidos pleitos na América Latina, em especial na América do Sul. Não fez segredo quanto ao objetivo de fechar o ciclo com o Brasil, onde seu candidato é Flávio Bolsonaro.

O tom da fala de Lula dará o norte para as relações com a Casa Branca no período crítico entre o primeiro e o segundo turno da corrida pelo Planalto. Caso reeleito, ele terá ao menos dois anos com um adversário declarado pela frente em Washington.

Pax americana

Não por acaso, por ser o rito das Assembleias-Gerais, o Brasil abre os debates e é seguido pelo anfitrião. Donald Trump,

que chegou a fazer nos bastidores do plenário o cenário — insólito e quase acidental — para o primeiro encontro cara a cara com o colega brasileiro, deve dar menos atenção, neste ano, à disputa no último reduto de resistência a sua ofensiva para restaurar o que a Casa Branca e o Departamento de Estado definem como "o quintal". Até pela expectativa do encontro com o colega chinês, Xi Jinping, o presidente dos EUA deve abordar, prioritariamente, os próprios impasses, a começar pela guerra que lançou em fevereiro, com Israel, para "decapitar" o regime islâmico do Irã.

Olhos e — sobretudo — ouvidos estarão atentos ao que o presidente dos EUA dirá sobre as relações com a China. Na quinta-feira, 24 de setembro, ele deve receber na Casa Branca o colega chinês, Xi Jinping, para um encontro que, de certa maneira, ofusca o desfile mundial em Nova York. As duas maiores economias do mundo travam há mais de uma década uma guerra comercial que, entre batalhas de grande repercussão e outras menos rumorosas, definem os rumos do planeta no que resta do primeiro século do novo milênio.

Barrado no baile

A contagem regressiva para a Assembleia-Geral inclui a recusa do Departamento de Estado a dar visto para que o presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP), Mahmoud Abbas, compareça ao encontro. É o segundo ano seguido em que Abbas, visto entre os palestinos como um dirigente frágil e impotente diante da ofensiva de Israel sobre a Cisjordânia e Gaza, é barrado no baile da ONU pelo governo anfitrião. Pelos cânones do acordo pelo qual a sede da Nações Unidas foi estabelecida em Nova York, os EUA estariam obrigados a garantir entrada para os representantes dos países-membros. Embora não desfrute do status pleno, a Palestina foi aceita como Estado observador.

Diferentemente, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, terá, como de costume, palanque e microfone para apresentar sua política de colonização dos territórios palestinos ocupados. É presumível, porém, que seu discurso seja boicotado por dezenas de delegações.

Eu, robô?

O título da provocante coletânea de

contos de ficção científica publicada em 1950 pelo escritor russo-americano Isaac Asimov serve de tema para um dos temas urgentes do debate sobre o avanço da inteligência artificial. E, naturalmente, está no centro da agenda do encontro crucial que Donald Trump terá, na quinta-feira (24) com o colega chinês, Xi Jinping. Não apenas as duas potências, que disputam a primazia econômica global, se enfrentam no tabuleiro do comércio: a supremacia tecnológica definirá o lugar de cada uma nas próximas décadas.

Definir limites e controles para o desenvolvimento do setor é um dos pontos-chaves das conversações programadas para a Casa Branca, já depois das falas de ambos em Nova York. Executivos do setor apontaram riscos para a própria sobrevivência da humanidade, na ausência de regulamentação. Trump preferiu rejeitar o alerta como uma espécie de "armadilha" chinesa para estagnar a evolução das pesquisas nos EUA e assumir a liderança na corrida pelo domínio de uma área vista — em consenso — como definidora de posições no tabuleiro geopolítico no futuro imediato. Inclusive, e principalmente, no terreno militar.